

ENSAIO SOBRE O FOLCLORE BRASILEIRO

Claudia Lima*

A Carta do Folclore Brasileiro de 1951, com o adendo aprovado no Congresso da Bahia, em 1957, põe o estudo dos fenômenos folclóricos, como fenômenos de cultura, no quadro das Ciências Socioculturais. Esta posição brasileira teve importância fundamental na luta que os folcloristas travaram pelo reconhecimento do seu trabalho.

As Ciências Sociais defrontam-se todas com o mesmo problema: como os homens obrigados a viver num dado meio social, atingem num dado momento, a uma organização estruturada e duradoura. Cada disciplina, em particular, procura explicar o mecanismo dessa existência, quer relacionando o presente com o passado, quer investigando os diferentes processos de interação social.

Por muito tempo o folclore foi considerado matéria "morta", arqueológica, histórica, passível de observação indireta. O interesse dos fenômenos folclóricos dependia da antigüidade, de suas, cada vez, mais longínquas origens. E, como disciplina, parecia fadado a ter por campo de estudo as "sobrevivências do passado". Não tem outro sentido o texto da carta de William John Thoms, publicada em 22 de agosto de 1846, na revista londrina *The Atheneum*, propondo a expressão *Folk-Lore*, então empregada pela primeira vez, para designar precisamente as "antigüidades populares".

Surgem freqüentemente, na sociedade, novas "expressões" folclóricas, enquanto outras desaparecem ou se transformam. A sociedade moderna, baseada na ciência e na tecnologia acelera intensamente a dinâmica social. Sobre o fato folclórico recaem as influências mais diversas, submetendo-o a certos processos dinâmicos em que "a cada ação corresponde determinada reação". O folclore permeia toda a vida social, que participa da sua criação e manutenção.

O fenômeno folclórico participa de um processo geral que envolve, permanentemente, mecanismos internos, aquisitivos, desagregativos e de recomposição, recombinação e movimentos externos, que tomam forma agressiva ou acomodatória, que, por sua vez, ocasionam novos processos internos, portanto, o folclore é dinâmico na sua essência, estando em constante transformação, nos fornecendo a idéia de "matéria viva". No Brasil, em face das diversidades e contrastes regionais que se encontram em seu território, vasto e diversificado física e humanamente, mais cresce a importância da base regional, que não se restringe, ao fato folclórico isoladamente, mas, se alarga a todos os fatos sociais e culturais. Tanto quanto nos tipos humanos que vão do tapuio amazônico ao jangadeiro cearense, do vaqueiro pernambucano às baianas de Salvador, do garimpeiro das Minas Gerais ao gaúcho do Rio Grande do Sul, do caipira de São Paulo ao candango de Brasília, do canoeiro do São Francisco ao teuto de Santa Catarina, também variam as manifestações folclóricas diante da diversidade regional.

Essa definição regional é que permite se caracterizar a origem, o fundamento, a manutenção dos fatos folclóricos, estudando os grupos étnicos e a cultura da região em que eles aparecem. No Brasil não há, rigorosamente, trajes populares ou típicos, tal como acontece em outros países como: Portugal, Espanha e Itália, cada qual com seus trajes típicos de cada região. Mas, pelo menos, três trajes regionais são característicos: o da baiana, o do vaqueiro nordestino e o do gaúcho. Mesmo assim, se compararmos os trajes do vaqueiro pernambucano com o vaqueiro de Marajó, mesmo tendo a mesma atividade econômica, que é a pecuária, cada um deles terá, em fase das influências do respectivo meio, diferenciações como consequência da ecologia cultural, ou da região.

Para estudarmos o folclore brasileiro a base regional é fundamental. As peculiaridades da região, de grupos étnicos, de formação cultural, de gênero de vida, imprimem no folclore sua feição regional.

Esse conjunto tem como base o encontro entre os três grupos que inicialmente entraram em contato na terra brasileira: o indígena, o português e o negro africano, o folclore brasileiro reflete as marcas que cada um desses grupos lhe trouxe, através de seus valores culturais, elementos representativos de seus ethos, aqui se mesclando, sob os influxos do novo ambiente e os imperativos de uma sociedade que se formava.

Nosso populário, nossos mitos, nossas tradições, nossas técnicas, nossas festas são um produto dessa miscigenação cultural. Se cada um dos grupos marcou sua maior ou menor influência, o fato é que o processo transculturativo criou as novas formas que, hoje, podemos considerar brasileiras.

Pelo nordeste agrário, começou a formação do povo brasileiro; mais nítida e aprofundada se tornou a influência cultural lusitana. Surgida no momento da expansão marítima portuguesa, no substrato de sua formação se fixaram os temas marítimos. Sobretudo, no século XVIII, estruturam-se os folguedos de fundo marítimos: as Cheganças, os Fandangos, os Reisados. Dada a natureza da economia agrária, os temas folclóricos dessa origem se tornam comuns; é a região do folclore do açúcar. Os temas em torno da cana-de-açúcar, do engenho e mais modernamente, da usina, são ricos, expressando nitidamente a influência dessa atividade na vida regional. Características desta região são, também, as danças primitivamente de umbigadas, destacadamente o coco, encontrado em diferentes formas. Ainda são tradicionais as festas natalinas com numerosos folguedos e autos pastoris.

É no mundo da atividade pecuária nordestina, em especial, que aparece no folclore brasileiro um dos mais ricos ciclos, o do boi, nas formas mais típicas do bumba-meu-boi. Estendendo-se, o folclore do boi, à apresentação das vaquejadas, e nas vaquejadas as manifestações folclóricas dos repentistas, violeiros e dos grupos de forró, que garantem a animação e da literatura de cordel, relatando os feitos heróicos dos vaqueiros, suas montarias e do cotidiano do homem do sertão.

***Claudia Lima:** é graduada em Comunicação Social, com Especialização em História do Brasil e Mestrado em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, é também etnógrafa, folclorista, africanista, escritora e pesquisadora. Pernambucana, nascida no Recife em 26 de outubro de 1957, tem como hobby a fotografia e a modelagem em argila. Recebeu em 1997, da Prefeitura da Cidade do Recife, o título de "História Viva do Recife", pela contribuição literária ao resgatar aspectos do folclore pernambucano. Em 2006, Claudia Lima completa 10 anos da sua primeira publicação com a revista "História do Carnaval", e o livro paradigmático "Um sonho de folião". As revistas do carnaval se seguiram até o ano de 2001. Em 1997, publicou também as revistas "História Junina" e "História do Folclore". Em 1999, lançou o livro "Tachos e Panelas: historiografia da alimentação brasileira", comparado as grandes obras de estudos alimentares e da comensalidade de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo. No ano de 2001, congregou as pesquisas sobre o carnaval no livro "Evoé: história do carnaval - da mitologia ao trio elétrico". No ano do décimo aniversário de sua primeira publicação, Claudia Lima reúne todas as suas pesquisas, artigos, estudos e ensaios em sua home-page: www.claudialima.com.br, na qual busca interagir com o leitor e oferecer também música e letras de carnaval, um vocabulário carnavalesco, fotos e vídeos, além de textos em português e inglês.